LITERATURA E PSICANÁLISE*

corte e sutura

Ruth Silviano Brandão
UFMG

RESUMO

A escrita como travessia no corpo da linguagem e no corpo do sujeito falante, a partir das metáforas cirúrgicas do corte e da sutura.

PALAVRAS-CHAVE

escrita, travessia, corpo

Valéry, em seu *Discurso aos cirurgiões,*[1] elogia a arte desses profissionais, destacando a perícia e o estilo que dela se depreende. Há em seu texto um elogio da mão e do fazer que lhe é próprio, além da associação da mão do cirurgião à dos artistas. Refletindo sobre as mutilações que o ser humano pode se impor, Valéry lembra o duplo efeito que a ferida pode ter no ser humano, pois se é causa de morte, pode ser também condição de vida, no ato cirúrgico. Acentuando a semelhança que há entre as duas artes, a do cirurgião e a dos artistas, ele fala de um "estilo cirúrgico", o que me permite pensar que também na escrita os procedimentos de corte e sutura podem ocorrer, produzindo diferentes efeitos no corpo textual.

Em relação à obra da mão e ao "estilo cirúrgico", Jean-Michel Rey,[2] grande leitor de Valéry, explicita como, neste escritor, o gesto cirúrgico ganha uma dimensão e um sentido de enorme amplitude. Assim, ele mostra de que maneira as reflexões de Valéry dão uma dimensão outra ao ato cirúrgico e ao estatuto do corpo, à medida que o cirurgião "*touche à la vie*,"[3] o que permite que se perceba "um laço que se estabelece entre atos materiais e figuras de abstração",[4] e que se faça a passagem do concreto ao abstrato. A obra da mão seria por isso um índice de pertencimento à espécie humana, ou seja, daquilo que torna o humano, humano.

Rey destaca a ligação que Valéry faz entre a mão do cirurgião e o ato de desenhar e de ler, acrescentando que a função da mão, por suas intervenções, não se limita à estrita

---

* Texto apresentado no Colóquio LIPSI: Literatura e Psicanálise: o E da questão, dia 6/9/2003.

[1] VALÉRY. *Oeuvres*, p. 907-923.

[2] REY. *Le tableau et la page*.

[3] REY. *Le tableau et la page*, p. 16.

[4] REY. *Le tableau et la page,* p. 17.

anatomia, pois se desloca para outras dimensões, inventando um outro regime de funcionamento, abrindo vias imprevisíveis ao próprio ato de pensar.[5]

Outra forma de perícia se pode esperar na realização de outro corte, que, pensado topologicamente, engendra outra lógica de espaço e tempo, na qual os termos se articulam na verticalidade de um *ponto instante* que aponta para uma outra ordem, como se nota num fragmento de texto de Eduardo Vidal:

> o corte divide uma superfície – delimitada por uma borda de dupla volta – em duas dimensões heterogêneas que se mantêm conjugadas no axioma do fantasma: essa volta a mais que o corte oferece ao analisante possibilitará dizer em que *ponto-instante* se engendrou o desejo do analista.[6]

Entendo que esse ponto instante seja crucial para a realização de uma travessia que se opera no corpo mesmo da linguagem, propiciando novo recorte corporal que terá conseqüências ou efeitos da maior importância para o sujeito que, por sua condição mesmo de falante, pode ser mortificado pela lâmina cortante da linguagem.

Recorro aqui à palavra *experiência*, um termo cujo radical aponta para a idéia de *perigo*, pois se pode pensar que a fina linha que enlaça o real ao simbólico é da ordem do fio fino de uma lâmina, do fio da navalha, cujo risco pode ser aquele de uma operação que se faz com um corte de justa medida. Como o corte cirúrgico, o corte na superfície da linguagem pode produzir uma ferida e sua posterior cicatriz ou uma amputação, que é uma violência que ultrapassa o buraco da linguagem.

Como nas cirurgias, o corte na superfície da linguagem, corte no corpo literário que se estende como uma grande superfície, pode produzir uma ferida ou mais uma amputação e sua posterior cicatriz, ou não. Quando Valéry fala em corte e sutura, referindo-se aos cirurgiões, pode-se pensar na precisão que se deve esperar de uma habilidade própria tanto do cirurgião como de quem trabalha com a espessura nem sempre capturável da linguagem.

Em relação à travessia do sujeito, é possível pensar no resto que o corte produz ou na sutura que se deve optar por se fazer ou não. É preciso que se faça um uso determinado dos restos, objetos *a*, que podem ou não obturar a falta, o que faz uma enorme diferença em termos de uma clínica ou de um determinado tipo de escrita: psicoterapias ou literatura *belles-lettres*.

Estou ainda tentando explicitar a articulação entre linguagem, o escrito, a escrita e clínica e, para isso, recorro a um texto ainda inédito de Celso Rennó Lima, no qual o autor afirma:

> Assim, o objeto pequeno a, instalado no lugar de agente, pode fazer trabalhar um sujeito para que S1, um nome, possa ser produzido, deslocando o saber para o lugar da verdade. Este movimento, se fizermos uma pequena retrospectiva, nos diz que o deslocamento efetivado foi produto da transferência que é, na verdade, o motor capaz de fazer girar os discursos.[7]

---

[5] Rey. *Le tableau et la page*, p. 17.

[6] Vidal. *Revista da Escola Letra Freudiana*, p. 46-47.

[7] Lima. Uma história... uma análise... uma passagem..., p. 6. (Texto inédito)

"Assim uma travessia pode acontecer", conclui Celso Rennó Lima, falando da separação entre o sujeito barrado pela castração e o objeto *a* ao qual se articulava.

Referindo-se a outras formas de clínica ou de discurso, Rennó Lima revela como o objeto *a,* em vez de fazer girar os discursos, pode paralisá-los:

> vemos o objeto pequeno a, não como causa, mas como algo a ser encampado pelo saber, na esperança de que possamos ter sujeitos cuja divisão fique escamoteada pela uniformidade deste saber que comanda a partir mesmo da incidência da mestria sobre a qual ele se sustenta.[8]

De forma análoga, penso na possibilidade de uma travessia da escrita como um percurso, um trajeto feito pelo escritor com sua obra, caminho entrelaçado à sua vida, capaz de provocar viradas que vão produzir novas escansões e, daí, quem sabe, novas palavras e invenções ou reinvenções da vida.

Há várias espécies de fios ou linhas, materiais ou metafóricos, como os que tecem a vida, a linguagem. Ou fios ou linhas com que se tecem tapetes, tecidos, bordados e também a tapeçaria literária feita de escrita. Fios de escrita como os do crochê ou do *frivolité*. O crochê tem um instrumento: a agulha de crochê. Ela pode juntar fios diferentes, fios de cores diferentes ou vindos de peças diferentes, de tecidos heterogêneos, até de tempos diferentes. Não me esqueço de que *frivolité* significa também frivolidade, palavra que me parece apontar para leveza e a aparente inutilidade das coisas leves, frívolas, a que falta o peso da seriedade. Afinal, as coisas sérias têm que estar ligadas a uma produtividade, têm que ser úteis e produzir coisas que dão dinheiro na sociedade do gozo consumista.

Aliás, lembro que, por vezes, os fios do crochê, como os do *frivolité*, podem se estender infinitamente, a partir de modelos reinventados, ou, ao contrário, prolongar-se penosamente, num tormento sem fim das coisas que não acabam, de forma semelhante ao alongar-se de um fio inútil e desesperador, se o sujeito não se desenreda dele: como uma análise sem fim ou um livro sem fim, cujas frases, como fios, se arrastam, numa proliferação mortífera de significantes.

Um escritor pode escrever para viver ou viver para escrever. Escrever para viver seria escrever para sustentar a vida, para se sustentar aí sem morrer, adoecer ou suicidar. Viver para escrever seria dar forma ao caos da vida, dar forma à voragem das palavras que o assolam e o levam à loucura.

Em qualquer dos casos, há que haver certa perícia para que o escritor ou aquele que sofre com o fio contínuo de suas repetições não se confunda demais com os fios que podem acabar por encarcerá-lo, como o sujeito pode se deixar mortificar pelos significantes que o parasitam.

A vida, enquanto não-loucura, é um tempo que resiste às formas radicais de alienação do sujeito, quando ele não pode suportar a dor da perda, deixando-se ir em direção à melancolia ou ao suicídio.

Sobre Artaud, sua loucura, sua travessia na loucura e sua dor de viver, muito se escreveu, mas quero me referir a dois trabalhos sobre ele. O de Jacques Derrida[9] destaca o

---

[8] LIMA. Uma história... uma análise... uma passagem..., p. 6. (Texto inédito)

[9] DERRIDA; BERGSTEIN. *Enlouquecer o subjétil.*

que ele chamou de subjétil na obra do poeta, valorizando como ponto de letra, lugar litoral que aponta para o real, esse lugar entre o sujeito e o objeto, de onde foi possível fazer emergir novamente um novo sujeito e sua obra, mesmo que de forma breve ou precária.

Outro trabalho é o de Jean-Michel Rey, que escreveu um livro notável sobre Artaud e sua volta à escrita, depois de anos no silêncio da loucura. Diferentemente de Derrida, que fez uma leitura pontual, a partir de apenas um conceito operacional, Rey privilegiou um longo processo de passagem que Artaud fez por textos alheios, por identificações ou fontes das quais teve que se separar num determinado momento para criar um nome, fazer uma assinatura:

> A escrita começa – quer dizer, recomeça – a cada vez que o sujeito encontra seu dialeto ou o inventa, mesmo que tal fato ocorra através da tradução, a cada vez que se mostra capaz de se separar de suas "fontes", de se arrancar da marca do outro, de se subtrair da empresa anterior, a cada vez que possa captar a necessidade de pontos de retorno, a cada vez que tenta recuperar a infância, isto é, que aprende a falar por si mesmo, em seu nome.[10]

Levando em conta a extensão do campo literário formado de fios diversos, de um campo cultural em que as línguas se traduzem e se modificam, através do trabalho com a tradição que implica a tradução, a reescrita, o ensaísta mostra que o escritor é um leitor que passa por textos alheios, copia-os, recria-os, dá-lhes um novo estatuto.

Nascer na poesia, nascer da poesia, renascer na língua e torná-la viva, arrebatando-a da petrificação do senso comum, das engrenagens por vezes enferrujadas da gramática, da rigidez de uma semântica congelada, dessemantizando-a, tudo isso supõe uma operação de risco no corpo do texto, corpo que tem uma história, uma tradição. Esse gesto de recriação deve ter a perícia de quem corta e sutura ou deixa as fissuras por onde a escrita possa respirar, por onde a falta se deixa ver.

Passar pela tradução, pelo diálogo babélico das línguas, pelo campo de limites ilimitados da literatura, revisitando suas fontes, articulando fronteiras, franqueando inéditas veredas, passando pela resistência dos litorais, rasurando, acrescentando enxertos, revirando as bordas linguageiras, rearranjando as peças do conjunto arquitetônico – talvez seja este o processo cirúrgico que aponta para o *E* da questão: processo de leitura, não mais a hermenêutica, mas a que opera, corta e/ou sutura.

Résumé

L'écriture comme traversée dans le corps du langage et dans le corps du sujet parlant, suivant les métaphores chirurgicales de la coupe et de la suture.

Mots-clés

écriture, traversée, corps

[10] Rey. *O nascimento da poesia*, p. 72-73.

Referências bibliográficas

Derrida, Jacques; Bergstein, Lena. *Enlouquecer o subjétil.* São Paulo: Unesp, 1998.

Lima, Celso Rennó. Uma história...uma análise...uma passagem...(inédito).

Rey, Jean-Michel. *Le tableau et la page.* Paris: L'Harmattan, 1997.

Rey, Jean-Michel. *O nascimento da poesia.* Antonin Artaud. Trad. Ruth Silviano Brandão. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Valéry, Paul. *Oeuvres.* Paris: Gallimard, 1957.

Vidal, Eduardo. Psicanálise em intensão e em extensão. *Revista da Escola da Letra Freudiana.* Documentos para uma escola. Rio de Janeiro, n. 3. p. 46-47, 2001.